

# MANEJO CLÍNICO DO ABUSO SEXUAL ATRAVÉS DA PRÁTICA DIALÓGICA

Katleen Gonçalves Luiz

## Resumo

---

O artigo visa discutir a postura dialógica e possibilidades da prática do psicólogo no manejo clínico em casos de abuso sexual. A partir de uma revisão bibliográfica, realizou-se um estudo sobre a terapia dialógica a partir de autores como Marra, Anderson, Martins e Gergen, a fim de compreender os impactos dessa postura terapêutica no manejo clínico de clientes em situações de abuso sexual. Busca articular a teoria construcionista e a prática dialógica ao fazer clínico frente ao tema, expondo os desafios e possibilidades inerentes à relação terapeuta-cliente, propondo reflexões sobre uma práxis que se faz terapêutica na medida em que a relação, na sua perspectiva dialógica, é colocada no centro do processo terapêutico.

**Palavras-chave:** Construcionismo; abuso sexual; violência; prática dialógica.

---

## Introdução

A violência ocorre através de uma relação de forças desiguais, independentemente da forma como se manifesta, dentro das estruturas de poder (Narvaz, 2005). Este fenômeno expressa o desequilíbrio da relação hierárquica de relações desiguais, na forma de dominação e objetificação do outro: torna-se para além da violação do corpo, uma violação do direito de liberdade, e da própria história (Chauí, 1985). As violências, em geral, acontecem de forma sobreposta e emaranhada, sendo a situação de violência complexa e expressa diferentes consequências, em especial pelo contexto das relações. A violência é personificada desde atos de opressão, proibição do acesso aos serviços de saúde e educação, cumprimento a trabalhos forçados, métodos violentos e coercitivos e agressões psicológicas e físicas, até abusos sexuais (Marra, Omer & Costa, 2015). E a partir das situações de violência pode-se desencadear diversas sintomatologias pelo trauma, agravamento dos fatores de risco e consequências associadas à negligência e aos maus-tratos sofridos pelas crianças e adolescentes (Chauí, 1985). Os quais denotam indicadores para a formação de situações que impedem o cuidado, à saúde e o desenvolvimento de crianças e adolescentes vítimas da violência (Marra, Omer & Costa, 2015).

Como uma das formas de violência o abuso sexual se constitui para além das fronteiras sociais, econômicas, individuais e familiares. Nesta forma de violência a relação sexual a vítima é tratada como um objeto, sem ter sua autonomia e limite respeitados (Marra, 2016). As marcas que percorrem este abuso, nem sempre deixam marcas físicas no corpo, mas trazem marcas de fragilidade física e emocional (Azevedo & Guerra, 1989). Sob outro aspecto, vê-se

o sofrimento frente estas questões ainda é emudecido, banalizado e tolerado em diferentes âmbitos sociais dificultando uma ação mais consciente e modificada do contexto (Marra, 2016). Na presença destes experiências traumáticas salientam o distanciamento da família na proteção e que como recurso para lidar com a situação utiliza dos atos para justificar as ações dos agressores como formas de educar e corrigir transgressões de comportamento (Habigzang & Koller, 2011), que sustentam as estruturas de poder. Assim, a violência circula entre os membros das famílias sob diferentes facetas, reforçando a dinâmica de dominação e o direito da autoridade de homens sobre as mulheres sobre os filhos. A partir disso, as narrativas se constroem através de um ambiente de dor e de sofrimento, que por vezes ficam silenciadas e amarradas ao segredo que as constituiu (Marra, 2016). Por vezes, o ouvinte da história passa a dar sentido ao agressor, legitimando o sentido ao acontecimento que contradiz o relato e acaba sustentando o que foi reproduzido e influência na construção de sentido da violência. Dentro do espectro da violência, estas formas de narrativas respondem igual ao relato dominante e dificulta a tomada de consciência para expandir possibilidades de agir e de ter recursos (Marra, 2016).

White (2002) traz como possibilidade de enfrentamento a narrativa destas experiências e de dar voz às histórias como um "curativo", pois ao revisitar esse sofrimento pode transformar um discurso doloroso em outros significados, com diferentes formas de contar a história criando um novo começo. No processo terapêutico, entender o significado do silêncio, das narrativas e dos segredos consiste em compreender a fala como um canal de significações e da criação de recursos para a elaboração da violência.

### **Construcionismo social, prática dialógica no contexto de abuso sexual**

Nas últimas décadas, emergiu um novo direcionamento para compreender a organização dos sistemas familiares em torno da linguagem. Estes pensadores pós-modernos baseiam-se na crença de que as interpretações e as intervenções podem confirmar o significado das pessoas, e este é o ponto alto dessa proposta de intervenção (Marra, Omer & Costa, 2015). Compreendem que através da linguagem e da construção da narrativa pode-se entender o enlace das relações e como os sentidos e significados são construídos. Sustentam também uma postura terapêutica em um lugar de “não saber” e descartam fortemente o foco na doença e sintoma. Assim, a base está na linguagem que constrói esses mundos e de quais entrelaçamentos essa linguagem parte (Anderson, 2010). Através dessa postura terapêutica, permite-se compreender o indivíduo como único e diferenciado pela pluralidade, seja por parte de seus contextos sociais e culturais (Carrijo & Rasera, 2010). Dentro dessa nova perspectiva de olhar, a família é vista

como uma prática discursiva que (re)produz realidades, dentro de uma dimensão social e histórica, (Carrijo & Rasera, 2010). O foco terapêutico, então, está em transformar estes discursos dominantes em uma linguagem viva e contextualizada. Como se estivessem escrevendo sob diferentes olhares daqueles que os imergiram (Marra, 2016).

Dentro do espectro da violência sexual vê-se marcada por formas linguísticas diversas (por nomes, contextos, expressões e metáforas que tecem o contexto), os quais narram e descrevem os acontecimentos da realidade e das experiências das pessoas. Carrijo e Rasera (2010) entendem que por meio da linguagem como prática social significamos e organizamos as relações, e por meio dela que podemos ressignificá-las. O trabalho clínico, neste contexto, consiste em entender o porquê os sujeitos selecionam aquilo que contam e porque os contam, como uso para a reconstrução de significados da trajetória traumática e como forma de legitimar a própria fala da vítima. Quando os indivíduos exploram esse novo olhar narrativo para as vivências de violência, trazem relatos alternativos que ajudam a compreensão dessas vivências e na promoção de um auto respeito frente a sua história, e em especial fomenta novas formas de lidar com o sofrimento (Marras, 2016). O intuito é possibilitar o indivíduo a conseguir contar sua história por meio de uma outra maneira, que por vezes são formadas por contextos dolorosos e traumáticos. Estas narrativas são "histórias que servem de recursos comunitários e que as pessoas utilizam em seus relacionamentos" (Gergen & Gergen, 2010, p.189). Explorar a narrativa é, portanto, uma prática de construção de significados, da identidade e da realidade (Chase, 2011). Quando as pessoas contam as vivências de abuso sexual em forma dicotômica, perdem a chance de narrar outras facetas das histórias e acabam prendendo-se a causa e efeito (Marras, 2016), não entrando no campo das narrativas e de possibilidades. Ao não acessar esse campo dialógico a pessoa permanece paralisada, com uma visão única da situação e não constrói novos significados sobre o abuso, perde, conseqüentemente, o que White (2002) chama de condição de vida.

Como terapeuta, compreender a narrativa e a construção das histórias é dar voz ao sujeito na externalização do problema, separando-o do sofrimento. Às vezes esse sofrimento se confunde com sentimentos afetivos que são misturados quando o abuso ocorre. Ao nomear os sentimentos, situações e descrevê-los possibilita que novas histórias possam tomar lugar do sofrimento. White (2002) traduz como uma reinterpretação das experiências de abuso e reescrevendo os discursos com os quais querem reformular a sua própria história. Torna-se importante também o olhar do terapeuta na construção desse processo, não tomando um lugar de saber, mas que permita a troca e empatia no relato das experiências dolorosas. A postura terapêutica, na prática dialógica, pode ser entendida, metaforicamente, como uma ponte entre

duas ilhas, onde o que se pretende é que ambos possam trocar, compartilhar e se aproximar, um visitando a ilha do outro (Trajano & Gonçalves, 2020). E o acesso a essas ilhas é feito através do ouvir, falar e escutar. O processo psicoterapêutico, sob essa perspectiva construcionista, toma lugar de uma dialogia colaborativa, que permite as revisitações e reinterpretções de significados e entendimentos, gerando novos pensamentos, emoções, sentimentos, expressões e ações (Anderson, 2017). O que norteia o processo de terapia é o conceito desenvolvido por terapeutas das práticas colaborativas de estar com (Anderson, 2007) e o complexo e libertador estar com o outro em um processo dialógico (Lenzi, 2017). É através desse olhar que as intervenções do terapeuta transformam o fazer para o outro, em construir e elaborar as experiências sob a fala e narrativa do cliente. Legitima-se, da forma mais empática, a voz e ressignificações que fazem sentido no processo terapêutico ao sujeito. E o uso das metáforas ( recurso terapêutico para o processo) também servem como uma forma de acessar as experiências dolorosas de forma mais lúdica, dizer muito com pouco, permitir criar uma história e conexões entre o terapeuta e cliente, além de ampliar a compreensão das narrativas (Grandesso & Paschoal, 2014). A metáfora, por si só, reflete a realidade do sofrimento ao passo que é desnuda no processo terapêutico, como um dar-se conta de. E dentro de um contexto de violência traduz uma sensibilidade do terapeuta e empatia com o sofrimento desse outro, como retirar o curativo, limpar a ferida e deixar cicatrizar.

Em terapia esse olhar permite a existência de múltiplas realidades, entendendo que a relação terapeuta e cliente geram conhecimento e significados sobre a realidade. Os sentidos e significados do conhecimento gerado tornam os sujeitos como protagonistas das próprias histórias, sendo ativos e autônomos, e o terapeuta como guia para este processo. Anderson e Goolishian (1988) reforçam a importância de caminhar a essas mudanças e de abrir espaço para a conversação terapêutica. Assim, os profissionais podem juntos construir novas realidades, perspectivas e estratégias que favoreçam a reconstrução das narrativas de sofrimento. Trazer a narrativa dentro da prática dialógica há um transitar entre os personagens e situações que dissolvem esses significados cristalizados, que margeiam os discursos dominantes da violência. Permite à pessoa utilizar seus recursos internos, capacidade de reflexão, na intenção de dissolver os emaranhados da vivência de abuso (Marras, 2016). Cria-se um contexto de legitimação e reconhecimento do que é narrado, como forma construtiva de ver o problema (Grandesso, 2018). A terapia então produz um espaço para que histórias alternativas surjam por entre as histórias dominantes em uma estrutura colaborativa entre o terapeuta e cliente, possibilitando o ajustamento e novos enredos no trauma.

## Considerações finais

Percebe-se diferentes narrativas frente ao abuso sexual que permeiam as famílias e os sujeitos, e a prática dialógica permite acessar as narrativas e os significados que essa violência produz. Além disso, permite novas compreensões dos valores, crenças, discursos dominantes e disponibilidade de mudança (Marra, 2016). O interessante deste modelo de atuação terapêutica se dá em qualificar o sofrimento e a escuta das histórias no diálogo e partilha destes sentimentos, que por vezes ficam apenas no âmbito privativo do sujeito. Torna-se, através da fala, uma forma de liberar as sensações e nomear os sentimentos dolorosos que constroem a narrativa do abuso.

O processo terapêutico sob a ótica da prática dialógica coloca o terapeuta em contato com os próprios sentimentos, sensações e em contato constante com as conversas internas que percorrem ao ouvir as narrativas. E ao mesmo tempo, espontaneamente, permite conhecer uma nova pessoa do zero, com o entendimento que a experiência de violência traz apenas uma faceta deste outro, que tem infinitas possibilidades de formas de ser. Torna-se de crucial importância o terapeuta estar desnudo também com o cliente, na medida que transmitir as sensações e pensamentos tornam o processo terapêutico relacional. Onde o compromisso terapêutico:

" É de trabalhar com o complexo e com a coerência das formas de vida de nossos clientes – tudo o que vivemos e somos é produto de trocas linguísticas vividas em relacionamentos, que têm coerência histórica, mas que podem ficar desatualizadas com o tempo. O desafio é entender e apreciar o único e o latente, ao invés do comum e deficiente, para um processo de transformação feito sob medida e relevante aos envolvidos. O que desenvolvo e o meu convite aos meus clientes é por uma prática de liberdade e amor. (Lenzi, 2017, p. 41)"

Desvincula-se do processo neutro e inteligível da produção da terapia, questionador de como fazer saúde, que passa por um não rotular pessoas e discursos moralizantes, e por este posicionamento, representa uma forma relacional e de encontro com o outro, ainda que dentro de um âmbito profissional. O que Lenzi (2017) traz lindamente através de uma reflexão de Harlene Anderson (2017) que ao encontrar o cliente, através de todo o emaranhado de histórias e experiências demonstram sua complexidade, e metaforicamente traz como uma bola de lãs, e ao começar a contar a história, ele está apresentando um destes fios. Então o olhar do terapeuta deve ser de observação e ouvir atentamente o relato, não tomar a bola de histórias nas mãos e de não organizá-las, apenas ouvir atentamente. E ao longo da narrativa perceber quais outros fios estão conectados e engajar seu entendimento nessa escuta, através da espontaneidade e curiosidade e perguntar se estas conexões fazem sentido ao cliente. Ainda mais importante, em

contextos de violência, ter essa curiosidade e vinculação torna esse emaranhado de emoções, que mesclam sentimentos positivos e dolorosos, em possibilidades de nomeação e de permitir a elaboração de um novo discurso.

Dentro da terapia em contato com sujeitos que vivenciaram o abuso, como Marra (2016) traz é como estar diante de um quebra-cabeça, onde muitas vezes faltam peças para o encaixe da figura. O mais interessante do processo da terapia, na prática dialógica, é mostrar que nem sempre esse quebra-cabeça vai ser construído com todas as peças, mas a forma como se coloca as peças é o que dá sentido e significado ao jogo. Dentro desse cenário metafórico, o papel do terapeuta é quase como um guia, em um convite à nomeação das emoções e criação de novas narrativas para além da violência. Além de sinalizar os recursos e limites que o cliente tem no processo, onde ele é o autor, ativo no processo.

Assim, na prática dialógica a importância não está em constituir de forma concreta os fatos e acontecimentos, mas em significar às narrativas, como forma de potência e encontro com outros sentidos e possibilidades de vida. Sob o contexto de um psicólogo em formação ter essa postura clínica de construir com outro, de desfazer o lugar de saber e da não resolução do sofrimento de forma pronta, traduz uma possibilidade de a cada cliente tornar-se um novo terapeuta, curioso e disponível, além disso colocar-se em um lugar de constante aprendizado.

## Referências

- Anderson, H., Goolishian, H. A. (1988). *Human systems as linguistic systems: preliminary and evolving ideas about implications for clinical theory*. Family Process.
- Anderson, H. (2010). *Conversação, Linguagem e possibilidades. Um enfoque pós-moderno da terapia*. São Paulo: Editora Roca.
- Anderson, H. (2017). A postura filosófica: o coração e a alma da prática colaborativa. In M. Grandesso (Org.). *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*. CRV.
- Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. A. (1989). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. IGLU.
- Carrijo, R. S., Rasesa, E. F. (2010). *Mudança em psicoterapia de grupo: Reflexões a partir da terapia narrativa*. Psicologia Clínica.
- Chase, S. U. (2011). Narrative inquiry: still a field in the making. In Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S (Org.). *The sage handbook of qualitative research*. Londres: Sage.
- Chauí, M. (1989). *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. Revista Brasiliense.
- Gergen, K. J. Gergen, M. (2010). *Construcionismo social: Um convite ao diálogo*. Instituto Noos.

- Grandesso, M. Paschoal, V. N. (2014). *O Uso De Metáforas Em Terapia Narrativa: Facilitando A Construção De Novos Significados*. Revista Nova Perspectiva Sistêmica.
- Grandesso, M. (2018). A poética da conversação terapêutica. In *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas*. CRV.
- Habigzang, L. F. Koller, S. H. (2011). Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Aspectos conceituais e estudos recentes. In L. F. Habigzang, S. H. Koller (Org.). *Intervenção psicológica para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual: manual de capacitação*. Revista Casa do Psicólogo.
- Lenzi, B. (2017). *O fazer e o estar em terapia dialógica colaborativa*. Revista Nova Perspectiva Sistêmica.
- Marra, M. M. (2016). *Conversas criativas e abuso sexual: uma proposta para o atendimento psicossocial*. Editora Agora.
- Marra, M. M. Omer, H. Costa, L. F. (2015). *Cuidado vigilante: diálogo construtivo e responsabilidade relacional em contexto de violência familiar*. Revista Nova Perspectiva Sistêmica.
- Narvaz, M. (2005). *Submissão e resistência: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina*. Dissertação de Mestrado não publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Trajano, M. P. Gonçalves, M. D. S. (2020). *O Uso De Metáforas Com Um Adolescente Em Processo Psicoterapêutico Familiar*. Revista Nova Perspectiva Sistêmica.
- White, M. (2002). *Reescribir la vida: entrevistas y ensayos*. Barcelona: Gedisa